



Trabalho 211

A NÃO ADESÃO À AMAMENTAÇÃO EXCLUSIVA: CONTRIBUIÇÃO PARA A ENFERMAGEM

Santos, Rosângela da Silva¹;
Santos, Natália de Souza²;
Valle, Cristiane Siqueira do³;
Andrade, Vanessa dos Santos Basílio⁴.

Introdução: A inquietação para desenvolver a pesquisa surgiu da observação de mulheres que recebem informações tanto dos profissionais da área da saúde sobre a prática da amamentação e suas vantagens, quanto dos diversos meios de comunicação, e muitas vezes apresentam manejo inadequado. Demonstrem diversas dúvidas, e até mesmo não se interessam ou são resistentes à temática, externando o desejo de não amamentar. Fato responsável pelo desmame precoce e introdução de fórmulas lácteas, mamadeiras e chupetas, mas que precisa ser valorizado e respeitado. Embora as evidências científicas comprovem eficácia da amamentação, e apesar dos esforços de diversos organismos nacionais e internacionais, as taxas de amamentação no Brasil, em especial as de amamentação exclusiva, estão bastante aquém do recomendado, pela Organização Mundial de Saúde (OMS). O Ministério da Saúde entende que o profissional da área da saúde exerce uma função essencial na reversão deste quadro¹. O relatado acima evidencia que apesar de todo o investimento do governo com políticas voltadas para a amamentação e das academias, com o escopo de formar profissionais capacitados em orientar e auxiliar as mães quanto à amamentação, se faz necessário compreender que existem muitos fatores inerentes às mães e ao meio em que elas vivem que interferem de maneira positiva ou negativa no ato de amamentar. Percebemos que não basta apenas o saber científico, mas precisa-se conhecer o ser humano e suas variáveis, para que possamos traçar estratégias que beneficiem tanto as mães quanto seus filhos. Torna-se imprescindível que o enfermeiro assuma a responsabilidade pela educação continuada de sua equipe e dos usuários de saúde, ajudando a melhorar o padrão de assistência prestada e promovendo a melhoria da qualidade de vida da população assistida.

Objetivos: Discutir a não adesão das mulheres à prática da amamentação exclusiva; Conhecer as expectativas da mulher sobre amamentação; Identificar os fatores que interferem no processo de amamentação exclusiva. **Método:** Pesquisa qualitativa, descritiva. O cenário de pesquisa foi um ambulatório de puericultura no município do Rio de Janeiro. Os sujeitos foram 11 mulheres que tinham pelo menos um filho com mais de seis meses, que tiveram dificuldade de amamentar exclusivamente. A técnica de coleta de dados foi a de documentação direta, com a entrevista semiestruturada com 05 perguntas abertas, além de questões fechadas sobre dados sócio-econômicos e obstétricos. Os dados foram coletados no período de fevereiro a abril de 2012. O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa com o Protocolo 0290.0.228.000-11. Utilizou-se a análise temática. **Resultados:** A idade das mães entrevistadas variou entre 19 e 37 anos, 54,5% delas possuíam renda familiar de 01 salário mínimo e o nível de escolaridade predominante (45,5%) foi o ensino médio completo. Em relação ao estado civil, 64% não possuíam companheiro e predominou a ocupação do lar (45,4%). No que diz respeito ao caráter obstétrico, 45,5% são primíparas e 55,5% múltiparas. O tempo máximo que as mães amamentaram seus bebês variou de 91 a 120 dias. A categoria: Fatores intrínsecos e extrínsecos relacionados a não adesão à amamentação exclusiva apresenta os fatores que interferem na

1. Doutora em Enfermagem. Professor Adjunto da Faculdade de Enfermagem da UERJ. Docente Permanente do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem/UERJ. Procientista da UERJ. Pesquisador 1 C do CNPq.
2. Enfermeira. Pós-graduanda *lato sensu* de Enfermagem em Neonatologia pelo Instituto Fernandes Figueira/FIOCRUZ. Graduação Universidade do Estado do Rio de Janeiro/ UERJ 2012.1. Endereço eletrônico: natalia.nssantos@gmail.com.
3. Enfermeira. Graduação Universidade do Estado do Rio de Janeiro/ UERJ 2012.1.
4. Enfermeira. Graduação Universidade do Estado do Rio de Janeiro/ UERJ 2012.1.



Trabalho 211

amamentação exclusiva e correspondem à reação do bebê à amamentação e/ou uso do complemento; à opinião de familiares e as condutas de profissionais de saúde e à justificativa materna para a não adesão a amamentação. Aborda os temas mais representativos no estudo. As mulheres mostraram, a partir das suas falas sobre suas experiências sobre amamentação, situações que contribuem para a tomada de decisão de amamentar seus bebês. Como fatores extrínsecos, destacam-se a reação que o bebê apresenta nesse processo da amamentação, sendo interpretado pelas mulheres que seus filhos não ficam satisfeitos somente com o leite materno, ou gostam quando recebem complemento, entendido aqui como outros tipos de leite, chás, água, comida salgada e sucos. Foi evidenciada a influência dos familiares na amamentação, com a falta de apoio e com orientações inadequadas, além da influência negativa dos profissionais de saúde caso venham impor a amamentação exclusiva e enfoquem apenas o manejo clínico ou técnico da amamentação configurando o modelo assistencial biomédico e tecnicista, não oferecendo assim o necessário apoio. Referente ao fator intrínseco, o estudo abordou os motivos que a mulher traz como justificativa para a não amamentação exclusiva, como o pensamento que o seu leite é fraco e insuficiente para o sustento do bebê, além de referirem dor ao amamentar. O estresse, a carga de trabalho, somados à angústia e à depressão também estão presentes nas falas das mães. Importante destacar que este estudo evidenciou que não houve diferencial no tempo de amamentação exclusiva entre as primíparas e múltiparas, indicando que a paridade não influenciou na adesão à amamentação exclusiva. Na categoria das expectativas da mulher sobre amamentação e a contradição na prática foram abordados temas como o conhecimento materno sobre amamentação exclusiva e as expectativas da mãe quanto à amamentação. Tais temas configuram uma dicotomia em face dos resultados expressos no estudo. Todas as participantes não aderiram à amamentação exclusiva nos 06 primeiros meses de vida dos bebês, configurando o desmame precoce. No entanto, as falas expressaram sentimentos de preocupação com a alimentação dos bebês, as mães reconheciam a importância do leite materno e possuíam expectativas desde a gravidez quanto ao momento da amamentação de seus filhos. Denota-se, portanto que o desejo e o conhecimento dessas mulheres não são suficientes para a decisão de aderir à amamentação exclusiva. **Conclusão:** O estudo confirma que a amamentação não é somente instintiva. Deve ser descoberta, aprendida e compartilhada pela díade mãe-bebê, considerando sempre da mulher a sua história de vida, sua realidade, suas inseguranças e medos, suas crenças e valores. A não adesão à amamentação exclusiva está relacionada a diversos fatores, que envolvem não somente a mulher, mas o seu filho, o meio em que vive, e as pessoas com quem interage direta ou indiretamente. A mulher na atualidade precisa ser compreendida e valorizada para que eleja suas decisões de acordo com suas necessidades. É necessário difundir a prática de aconselhamento em amamentação, na tentativa de minimizar o impacto da imposição do saber médico, na vida do binômio mãe-filho. **Implicações para a Enfermagem:** Faz-se necessária uma avaliação holística da nutriz e de seus familiares no momento do cuidado, no sentido de contribuir para sua qualidade de vida, sem exercer imposições que não estimulem o protagonismo e o autocuidado. Enfermeiros e profissionais da área da saúde devem não apenas orientar ou prescrever cuidados, mas atuar na lógica de que a coparticipação no cuidado traz maiores ganhos para a assistência e qualidade de vida aos usuários de saúde. O enfermeiro deve assumir a responsabilidade pela educação continuada de sua equipe e dos usuários de saúde, ajudando a melhorar o padrão de assistência prestada e promovendo a melhoria da qualidade de vida da população assistida. O estudo possibilitou novos conhecimentos para a enfermagem, à medida que analisou questões referentes à saúde integral da mulher e da criança, que ainda se encontra em processo de incentivo e construção. **Referência:** 1. Ministério da Saúde (Brasil). II Pesquisa de Prevalência de Aleitamento Materno nas Capitais Brasileiras e Distrito Federal. Brasília: DF; 2009.

Descritores: Aleitamento Materno. Enfermagem Materno-Infantil.